



Foto: Banco de Imagens Stock.xcn8



Brasil e Reino Unido, uma parceria

REAL e efetiva

por Cassiano Viana

Brasil e Reino Unido: do lado humano e operacional, uma perfeita combinação da cultura organizacional britânica com a criatividade, determinação e vontade de aprender do trabalhador brasileiro. No lado tecnológico, o fato de o Brasil e de a Petrobras estarem operando em águas ultraprofundas, território em que o Reino Unido atua há anos, com a *expertise* adquirida em atividades no Mar do Norte, o maior laboratório real do planeta, com tecnologia reconhecida mundialmente, utilizada pelas empresas de petróleo no mundo todo. Portanto, nada mais natural do que, como no hino nacional britânico, *God save this relationship* (traduzindo: Deus salve essa parceria)!

Brasil e Reino Unido têm uma história muito rica em termos de relacionamento político, cultural, comercial e de investimentos. Em 1808, escoltados pela Marinha Real Britânica, o rei e a corte portuguesa transfiram-se de Portugal para o Brasil. Desde então, as relações diplomáticas e comerciais entre os dois países continuam a crescer e se fortalecer até os dias atuais.

Durante a primeira metade do século XX, os investimentos ingleses no Brasil foram intensos, principalmente em infraestrutura, como estradas de ferro, eletricidade e gás. Durante a segunda metade do século XX houve investimentos em serviços e produção e nos últimos anos o relacionamento tem se revigorado com a visita do presidente Lula ao Reino Unido em 2006 e do primeiro-ministro Gordon Brown ao Brasil.



O surgimento, em 2006, do Comitê Econômico e de Comércio Conjunto (Jetco), com participação dos governos e dos setores privados do Reino Unido e do Brasil certamente dará um impulso maior aos investimentos e comércio bilaterais nos anos vindouros. O Brasil pode se beneficiar de muita tecnologia que o Reino Unido possui, assim como o caminho oposto deverá ser seguido na área de biocombustíveis.

Estes são alguns exemplos, mas a lista de possíveis áreas de expansão bilateral é ampla. No ano passado, o Reino Unido foi o 15º parceiro comercial do Brasil em termos de exportação – movi-

O Reino Unido

LOCALIZADO NA COSTA noroeste da Europa continental e cercado pelo oceano Atlântico, o Mar do Norte, o Canal da Mancha e o Mar da Irlanda, o Reino Unido é uma união de quatro nações: Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales.

Primeiro país industrializado do mundo e principal potência mundial durante o século XIX e o começo do século XX – e ainda hoje uma potência de forte influência mundial –, o Reino Unido ocupa a quinta posição (PIB nominal) ou sexta (PPP) maior economia do mundo.

mentando US\$ 3,8 bilhões – e 18º em termos de importação – US\$ 2,5 bilhões.

O sal dos negócios

“Com a descoberta de petróleo na camada do pré-sal, o Brasil se tornou uma das mais importantes e promissoras áreas de produção em todo o mundo”, afirma o cônsul-geral britânico no Rio de Janeiro, **Tim Flear**. “O Reino Unido é um líder mundial em inovação tecnológica e engenharia. A conjunção desses fatos faz dos dois países parceiros naturais, e estamos procurando aproveitar as oportunidades oferecidas por essas novas reservas.”

Após 40 anos de experiência no Mar do Norte, o Reino Unido tem todas as condições para contribuir com o fortalecimento da indústria do petróleo no Brasil. Por ter iniciado a atividade *offshore* no Mar do Norte dez anos antes de a Petrobras começar a produzir na Bacia de Campos, a indústria fornecedora britânica adquiriu uma forte tradição no desenvolvimento de

tecnologias e soluções inovadoras para o setor. Hoje, por exemplo, existem várias tecnologias aplicadas no Mar do Norte para aumentar o fator de produção de campos maduros que podem ser de grande interesse para os campos da Bacia de Campos.

O desenvolvimento tecnológico é uma marca do Reino Unido no mundo todo. É por isso que o país é reconhecido internacionalmente como o melhor ambiente para se fazer negócios, pela criatividade e inovação de classe mundial e por ser uma porta de entrada para conexões internacionais. As empresas britânicas têm grande interesse em desenvolver soluções para ajudar a Petrobras a enfrentar os novos desafios do *offshore* brasileiro, dentre eles os campos do pré-sal.

Província atrai empresas

Existem importantes polos da indústria fornecedora espalhados por todo o Reino Unido, dentre os quais se destacam os das cidades de Aberdeen, na Escócia, e de Newcastle e Manchester, na Inglaterra.

“Com a descoberta de óleo no pré-sal, o Brasil é hoje uma das mais importantes províncias petrolíferas do mundo”, afirma Steve Graham, da UKTI. “O Reino Unido, por sua vez, é líder em inovação tecnológica e engenharia. Esses dois fatos, juntos, fazem do Brasil e do Reino Unido parceiros naturais na busca de caminhos para explorar esses novos campos.”

“O interesse do Reino Unido pelo Brasil tem aumentado sensivelmente, inclusive na área de óleo e gás”, comenta **Renato Cordeiro**, gerente



DADOS	BRASIL	REINO UNIDO
Área total (km ²)	8.514.876	244.820
População	190 milhões	61 milhões
PIB (2008)	US\$ 1,6 trilhão	US\$ 2 trilhões
Veículos	32 milhões	7 milhões
PETRÓLEO		
Produção (bpd)	2,3 milhões	1,9 milhão
Consumo (bpd)	2,3 milhões	1,8 milhão
Importação (bpd)	648.800	1,7 milhão
Exportação (bpd)	481.100	1,9 milhão
Reservas provadas (bilhões de barris)	15	6
GÁS NATURAL		
Produção (m ³)	51 milhões	84 milhões
Consumo (m ³)	70 milhões	91 milhões
Importação (m ³)	24 milhões	16 milhões
Exportação (m ³)	0	9 milhões
Reservas provadas (m ³)	347,7 bilhões	500 bilhões



Fonte: Index Mundi

de Óleo e Gás da UK Trade and Investment (UKTI) – órgão governamental que ajuda as empresas sediadas no Reino Unido a fazer seus investimentos no Brasil. Segundo ele, a procura este ano pelos serviços do time de Energia do UKTI no Brasil aumentou em cinco vezes se comparado ao mesmo período do ano passado.

“De janeiro a maio de 2008, ajudamos três empresas britânicas a se estabelecer no Brasil, seja fazendo pesquisa de mercado ou

encontrando potenciais parceiros e clientes. No mesmo período de 2009, o número de empresas pulou para 15”, conta. “Isso mostra que as empresas do Reino Unido estão ficando cada vez mais atentas quanto às oportunidades de trabalhar no Brasil e firmar um compromisso de longo prazo com o país”, conclui.

No *upstream*, com a prospecção e exploração das águas profundas e hostis do Mar do Norte, as firmas britânicas desenvolveram grande variedade de

tecnologias submarinas, sistemas inovadores de produção flutuante e de plataformas *offshore*, técnicas de perfuração de poços multilaterais, *softwares* e sistemas de análise e modelagem de reservatórios, serviços de apoio, controle e gestão ambiental, que são, hoje, utilizados globalmente.

No *downstream*, há também o *know-how*, por exemplo, no transporte e distribuição de gás em baixa e média pressão, modelagem de rede, armazenamento, transporte e sistemas afins.

Mar do Norte

A HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO de petróleo e gás no Reino Unido teve início na década de 1960, quando foram descobertas grandes reservas no Mar do Norte, economicamente atrativas, sobretudo após a crise dos anos 1970. A primeira extração comercial de petróleo aconteceu em 1975. Ao longo dos anos seguintes, a produção cresceu, transformando a região em um dos locais de extração de petróleo em alto-mar mais complexos e compensadores do mundo.

Na década de 1960, a Inglaterra vivia uma crise gerada pela falta de uma fonte de energia barata. O Mar do Norte



Foto: Rune Johansen, StatoilHydro

oferecia a oportunidade importante, no momento exato para a indústria britânica aproveitar o desenvolvimento do petróleo nessa região e a injeção de capital novo.

Esse foi o início de grandes mudanças. Antes da descoberta do petróleo,

as comunidades do Mar do Norte no Reino Unido sobreviviam da pesca e da pecuária.

As empresas que já existem na região tiveram de se adaptar às novas demandas, era preciso uma engenharia mais pesada, instalações no porto para navios de pesquisa e de apoio, barcos para instalações de dutos, e navios de abastecimento, novas indústrias surgiram e com elas mais infraestrutura e desenvolvimento econômico de outras cidades. O impacto com as mudanças foi bem administrado. A indústria de petróleo trouxe prosperidade para o Reino Unido, que se reinventou e ajudou a reinventar o mundo.

Empresas da Escócia apostam no mercado brasileiro

Existem muitas oportunidades no país para empresas escocesas e brasileiras trabalharem em conjunto, de forma a encontrar soluções para desafios únicos que permitirão a produção em até 3.000 metros de profundidade. Quem faz esta análise é Gerry Love, representante da Scottish Development International (SDI) no Brasil.

ESTA AGÊNCIA GOVERNAMENTAL escocesa, com escritórios regionais em vários países, é responsável pelo desenvolvimento e promoção do comércio e investimento na Escócia, além de dar suporte aos esforços das empresas escocesas na busca de novas oportunidades de negócios nos mercados internacionais.

Em entrevista exclusiva à **TN Petróleo**, o representante da SDI fala sobre como a *expertise* escocesa pode ajudar a indústria de petróleo no Brasil.

TN Petróleo – Como a Escócia vê hoje o cenário brasileiro e as oportunidades no setor de óleo e gás?

Gerry Love – O Brasil está atraindo enorme interesse, tanto devido aos investimentos da Petrobras e de outras companhias como a Shell, El Paso, Chevron Devon na sua Exploração e Produção (E&P), quanto com os resultados da exploração de perfuração profunda na área sub-sal. Esta situação coloca o Brasil no radar de muitas empresas escocesas, especialmente em áreas *subsea*, perfuração e de ensino e formação.

Por outro lado, como definiria ou situaria a Escócia dentro do cenário mundial de óleo e gás?



Muitas das reservas de petróleo e gás inexploradas do mundo se encontram em águas profundas e inóspitas. Os conhecimentos comprovados das indústrias de petróleo e gás escocesas em alcançar tais reservas só podem crescer em valor no mercado global. A indústria petrolífera e de gás escocesa deu início a uma rede de educação e formação reconhecida internacionalmente por sua inovação e qualidade. Essa comunidade estabelecida caracteriza uma diversa, mas interligada, gama de

instalações de formação profissional, educação e parcerias empresariais e serviços especializados para a indústria.

Qual a imagem que se tem, no Reino Unido, da capacidade tecnológica do Brasil?

O Brasil é conhecido por seu avanço tecnológico em exploração e produção em águas profundas e ultraprofundas, através de seus programas como o Procap 3000. Existem oportunidades aqui para empresas escocesas e brasileiras trabalharem em conjunto para encontrar soluções para desafios únicos que permitirão a produção em profundidades de até 3.000 metros.

Como a Escócia e suas empresas podem contribuir para o desenvolvimento do setor?

A escala atual da indústria de petróleo e gás na Escócia diz algo de sua proeminência no cenário mundial de energia. Mais de duas mil empresas estão na cadeia de abastecimento, que abrange todos os setores especializados das indústrias e nichos de serviço. O país tem uma história de mais de 40 anos de operações em um dos ambientes *offshore* mais desafiantes do mundo. Mas as



estatísticas dizem pouco da história: por trás dos números reside um cenário de visão, experiência, inovação e pioneirismo que fez da Escócia um ator global. As vendas internacionais representam hoje mais de 40% da receita total das empresas e empresas escocesas estão em mais de cem países em todo o mundo.

Há também uma grande expertise na área *subsea*, não?

Em engenharia submarina, hoje, os produtos e serviços escoceses podem ser encontrados em todas as grandes províncias de petróleo e gás em todo o mundo. É uma grande conquista, mas que não foi facilmente alcançada. Nossa tecnologia submarina avançou constantemente ao longo dos anos graças aos imperativos do Mar do Norte. As duras condições neste ambiente exigiram

O BRASIL ESTÁ ATRAINDO ENORME INTERESSE, TANTO DEVIDO AOS INVESTIMENTOS DA PETROBRAS E DE OUTRAS COMPANHIAS. ESTA SITUAÇÃO COLOCA O PAÍS NO RADAR DE MUITAS EMPRESAS ESCOCESAS, ESPECIALMENTE EM ÁREAS *SUBSEA*, PERFURAÇÃO E DE ENSINO E FORMAÇÃO.



soluções inovadoras. Nosso setor *subsea* se provou extraordinariamente bem sucedido em todos os testes colocados em seu caminho,

e agora está exportando as suas inovações para o mundo todo. A necessidade de encontrar formas mais eficientes e rentáveis de chegar às reservas inacessíveis, isoladas ou marginais, tem fornecido o impulso por trás do desenvolvimento do nosso setor mundialmente renomado de perfuração e fundo de poço. Este patrimônio é caracterizado pela experiência, habilidades e um sólido portfólio de produtos desenvolvido e comprovado nas duras condições do Mar do Norte. No entanto, a implantação desses atributos não está confinada ao Reino Unido, já que as empresas operam cada vez mais na cena internacional. No clima competitivo de hoje, as empresas escocesas oferecem uma vantagem competitiva e têm repetidamente comprovado o compromisso de serem adaptáveis e portadoras de recursos.

ARCTEST
SOLUÇÕES EM ENGENHARIA

MATRIZ Paulínia - SP
19 3884.9960

Dq. de Casdas - RJ 21 2776.1855 | Macaé - RJ 22 2772.5267 | Serra - ES 27 3228.2793 | Dias D'Ávila - BA 75 3625.4656 | Esteio - RS 51 3473.2428

Empresa Certificada em Sistema de Gestão ISO 9001:2000

visite o nosso site www.arctest.com.br
sugestões, reclamações e elogios: sac@arctest.com.br

RADIOGRAFIA CONVENCIONAL IR-192 SE-75 CO-60 RX	RADIOGRAFIA DIGITAL COMPUTADORIZADA CORROSÃO - SOLDA	RADIOGRAFIA "SPEED RAD" REDUÇÃO DE RAIOS DE SALZAMENTO NOVO!	DIGITALIZAÇÃO DE FILMES RADIOGRÁFICOS NOVO!
ULTRA-SOM AUTOMATIZADO COM REGISTRO CONTÍNUO SOLDA DE DUTOS E EQUIPAMENTOS	ULTRA-SOM B-SCAN MANUAL PERFIL DE TUBULAÇÕES	ULTRA-SOM AUTOMATIZADO COM REGISTRO CONTÍNUO MEDIDAÇÃO DE ESPESURA DE TANQUES	ENSAIOS NÃO DESTRUTIVOS CONVENCIONAIS US ME EVS LP PH
LAUDOS TÉCNICOS E CERTIFICAÇÕES API ASME ISO	INSPEÇÕES INDUSTRIAIS MECÂNICA ELÉTRICA INSTRUMENTAÇÃO SANEAMENTO	INSPEÇÃO DE EQUIPAMENTOS AVALIAÇÃO DE VIDA REMANESCENTE	INSPEÇÃO DE MATERIAIS E RECEBIMENTO
ENDOSCOPIA NOVO!	TERMOGRAFIA NOVO!	DILIGENCIAMENTO E INSPEÇÃO DE FABRICAÇÃO	IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS DE C.Q.
MANUTENÇÃO INDUSTRIAL SOLUÇÕES DE ACESSO E SUPORTE À INSPEÇÃO		AUDITORIAS TÉCNICAS	

Operadoras britânicas têm importantes ativos no país

Nada menos que três das mais importantes companhias de energia, com forte foco em petróleo e gás natural, atuam no Brasil, onde detêm ativos independentes ou em parceria com a Petrobras e outras petroleiras.

BG Group

Com sede em Reading, na Inglaterra, a BG é uma das principais companhias a atuar na exploração de petróleo e gás natural no Brasil. A empresa mantém também investimentos no Gasoduto Bolívia-Brasil e na Comgás, a maior distribuidora de gás natural do país. No ano passado, a companhia assinou dois contratos com a Petrobras para fornecimento de GNL aos terminais de regaseificação de Pecém (CE) e da Baía de Guanabara (RJ).

No Brasil desde 1994, a BG investiu no país mais de US\$ 1,5 bilhão e continua a expandir sua atuação. A companhia britânica possui oito contratos de concessão para exploração de óleo e gás, dos quais seis em parceria com a Petrobras. Esses contratos cobrem uma área de 6,7 mil km², em sua maior parte localizada na Bacia de Santos.

A BG e seus parceiros obtiveram seis sucessos consecutivos em perfurações no pré-sal da Bacia de Santos desde o começo das suas atividades na região, em 2005. As descobertas são: Parati (BM-S-10, abr/2006), Tupi (BMS-11, set/2006), Tupi Sul (BM-S-11, set/2007), Carioca (BM-S-9, set/



Blocos de exploração no Brasil com participação da BG - Contratos de Concessão

Área	%Part.	Rodada	Bacia	Demais sócios
BM-S-9*	30	2	Santos	Petrobras (45%); Repsol (25%)
BM-S-10*	25	2	Santos	Petrobras (65%); Partex (10%)
BM-S-11*	25	2	Santos	Petrobras (65%); Petrogal (10%)
BM-S-13**	60	3	Santos	Repsol (40%)
BM-S-47**	50	7	Santos	Repsol (25%); Vale (25%)
BM-S-50*	20	7	Santos	Petrobras (60%); Repsol (20%)
BM-S-52**	40	7	Santos	Petrobras (60%)
BT-SF-2*	50	7	São Francisco	Petrobras (50%)

(*) Sócio (**)Operador | Obs.: Todos os blocos em fase de exploração

2007), Guará (BM-S-9, jun/2008) e Iara (BM-S-11, ago/2008).

O campo de Tupi, no qual a BG possui 25% de participação, é o principal projeto em desenvolvimento da BG Brasil, em parceria com a Petrobras (operadora) e Petrogal. Em janeiro deste ano, em visita ao Rio, o presidente do grupo British Gas (BG Group), Sir Robert Wilson, e demais executivos da multinacional anunciaram investimentos de US\$ 4 bilhões para o desenvolvimento do campo petrolífero de

Tupi, na camada pré-sal, localizado na Bacia de Santos. O valor será aplicado em até três anos.

A empresa já realizou duas campanhas exploratórias no país na condição de operadora. A primeira, entre dezembro de 2005 e maio de 2006, foi no bloco BM-S-13, na Bacia de Santos. Em dezembro de 2007, a BG iniciou sua segunda campanha como operadora, com a perfuração do primeiro poço do bloco BM-S-47, que a companhia opera (50%) e tem a Repsol (25%) e a Vale (25%) como sócias. Até o iní-

cio de 2009, a BG espera começar a exploração do bloco BM-S-52, também na Bacia de Santos, que a empresa possui em parceria com a Petrobras.

Shell

Companhia estrangeira com o maior número de projetos de Exploração e Produção no país, a história da Shell no Brasil teve início em 1975 quando, por meio da subsidiária Pecten, se associou à Petrobras, na atual Bacia de Santos. E fez a única descoberta *offshore* sob contrato de risco, tendo iniciado a produção de gás em 1993.

Em 2003, dez anos depois do início da produção de Merluza e após a quebra do monopólio do petróleo, a Shell, de origem anglo-holandesa, tornou-se a primeira operadora internacional de capital privado a produzir petróleo em escala comercial na Bacia de Campos, no litoral do Rio de Janeiro, nos campos de Bijupirá e Salema.

Desde 1998, a petroleira investiu mais de US\$ 2,8 bilhões nas atividades de E&P no Brasil. Em 2008, este volume de recursos foi de cerca de US\$ 520 milhões. "A Shell possui hoje participação em 15 blocos de exploração", enumera o gerente de Relações Externas de Exploração e Produção da Shell Brasil, **Flávio Rodrigues**. "Declaramos a comercialidade do BS-4 (dois campos – Atlanta e Oliva) e do BC-10 (quatro campos: Ostra, Abalone, Nautilus e Argonauta) e temos um ativo em plena produção (Bijupirá e Salema)." Ela ainda detém participação no histórico campo de gás de Merluza, operado hoje pela Petrobras.



Portfólio de E&P da Shell no Brasil

ÁREAS DE CONCESSÃO OFFSHORE

10 áreas de concessão
Operados pela Shell
Em exploração: 2 blocos
Em desenvolvimento: 2 concessões = 6 campos
Em produção: 1 concessão = 2 campos

FASE DE EXPLORAÇÃO

Bacia de Santos – BM-S-8: Shell 20%; Petrogal 14%, Petrobras 66% (operadora), BM-S-54: Shell é operadora (100%); BM-S-45: Shell 40%, Petrobras 60% (operadora)
Bacia de Campos – BM-C-31: Shell 20%, Petrobras 60% (operadora), Inpex 20%
Bacia do Espírito Santo – BM-ES-23: Shell 35%, Petrobras 65% (operadora); BM-ES-28: Shell é operadora (85,2%), Vale 17,5%, BM-ES-27: Shell 17,5%, Petrobras 65% (operadora), Vale 17,5%

FASE DE DESENVOLVIMENTO

Bacia de Santos – BS-4: Shell é operadora com 40%. Petrobras (40%) e Chevron (20%). 1 concessão, mais 2 campos, Atlanta e Oliva
Bacia de Campos – BC-10: Shell é operadora com 50%. Petrobras (35%) e ONGC (15%). 1 concessão, mais 4 campos, Ostra, Argonauta, Abalone e Nautilus.



FASE DE PRODUÇÃO

Bijupirá-Salema – Shell é operadora com 80%. Parceira: Petrobras 20%. 1 concessão, mais 2 campos, Bijupirá e Salema.

ÁREAS DE CONCESSÃO ONSHORE

5 áreas de concessão
Operados pela Shell: em exploração (5 blocos)

FASE DE EXPLORAÇÃO

Bacia de São Francisco – SF-T-80, SF-T-81, SF-T-82, SF-T-83, SF-T-93, todos são 100% da Shell

Obs.: Três desses blocos ficam na região do pré-sal: BM-S-54, BM-S-45 e BM-S-8. Dez desses blocos são operados pela Shell. São eles: BC-10, BS-4, BM-S-31, BM-ES-28, BM-S-54, SF-T-80, SF-T-81, SF-T-82, SF-T-83 e SF-T-93.

"O Brasil ainda representa uma parcela relativamente pequena do nosso portfólio global em E&P, mas a Shell visa agregar novos projetos e conquistar uma presença importante no país", explica Rodrigues. "A Shell tem investido de forma constante em exploração e em tecnologia, buscando atingir esses objetivos. O crescimento futuro irá depender de nossa habilidade de atrair mais investimentos para os projetos aqui, que vão competir internamente com oportunidades em outros países." "Continuamos a avaliar novas oportunidades de negócio no país e o progresso da discussão acerca de potenciais mudanças no marco regulatório", conclui.

British Petroleum

Presente na indústria brasileira de energia há cerca de meio

século, a BP está hoje envolvida em vários estágios do negócio de petróleo, atuando, desde 1998, na área de exploração e produção de petróleo e gás natural no Brasil. Em 2004 ela completou o período exploratório em dois blocos em águas profundas, localizados na costa norte do Brasil, e agora está analisando opções de exploração em águas profundas em todo o país.

Sob a marca Castrol, no Brasil, a empresa opera no mercado desde 1957, produzindo e comercializando lubrificantes automotivos e industriais. Em 2008, a Castrol lançou o Castrol Ecoflex, o primeiro óleo lubrificante desenvolvido especialmente para automóveis bicombustíveis que funcionam tanto com etanol como com gasolina. Já a BP Marine vende lubrificantes para a indústria naval, enquanto a Castrol

Offshore fornece fluidos de controle de alta qualidade para o crescente negócio de produção de petróleo e gás.

A Air BP, um dos mais recentes negócios no Brasil, iniciou operações em 2002 e construiu recentemente uma nova infraestrutura de armazenamento e distribuição de combustíveis e lubrificantes para aviação no Rio de Janeiro.

A BP Biofuels é o mais recente negócio a chegar ao Brasil. A BP entrou no mercado de etanol no Brasil em 2008, através da participação na empresa Tropical Bioenergia, que produz etanol em Edeia (Goiás). A Tropical é uma *joint venture* com a Santelisa Vale, segundo maior grupo sucroalcooleiro do país, e o Grupo Maeda, um dos maiores produtores brasileiros de algodão. A BP detém 50% de participação na Tropical Bioenergia, enquanto a Maeda e Santelisa Vale detém 25% cada.

“O Brasil é um país que oferece muitas oportunidades de investimento em várias áreas”, comenta Cristina Brunet Figueiredo, coordenadora de Comunicação e Relações Externas da BP “No caso específico da área de energia, a dimensão e as caracte-

Petrobras no Reino Unido

A PETROBRAS ESTÁ PRESENTE no Reino Unido com um escritório no Centro de Londres. Dentre as suas atribuições estão a realização de operações comerciais e o suporte à companhia em Londres, um dos principais centros financeiros do mundo.

O escritório, no qual atuam 46 profissionais e que recebeu novas instalações em novembro do ano passado, trata da importação e da comercialização de petróleo, diesel, GLP, gasolina, *bunker*, além de cuidar de projetos especiais, *chartering*, mercado futuro e derivativos.

Peça fundamental para a integração dos negócios da Petrobras, no Brasil e no exterior, o escritório atua também como agente de relacionamento com públicos de interesse da companhia.

terísticas do país oferecem um grande leque de opções de investimentos, desde a exploração e produção de combustíveis fósseis até o desenvolvimento de formas limpas de energia, como a eólica e a solar, além de biocombustíveis ambientalmente sustentáveis.”

De acordo com Cristina, no caso dos biocombustíveis, a planta da Tropical Bioenergia servirá como porta de entrada para novas tecnologias em solo brasileiro. A unidade terá em 2009/10 sua primeira safra completa, com moagem esperada de 2,4 milhões de toneladas de cana. Metade vai para a produção de açúcar e metade para a produção de etanol.

“Para as próximas safras a empresa pretende dobrar o volume de cana processada para 4,8 milhões de toneladas, sendo esse incremento destinado somente à produção do combustível”, explica. “Em três ou quatro anos, a BP deverá abrir sua segunda unidade na região, dando início ao processo de vários *clusters* que pretende construir no Brasil. Esse segundo projeto encontra-se em fase de análise e sua localização ainda não foi definida.”

“Quanto à área de exploração e produção, a BP está analisando oportunidades de investimentos no setor de exploração e produção de petróleo e gás natural em águas profundas no Brasil, inclusive no pré-sal, e participando ativamente nas discussões sobre o novo marco regulatório do setor.”

O Ano Brasileiro-Britânico da Ciência & Inovação

ORGANIZADO PELA REPRESENTAÇÃO diplomática britânica no Brasil e pelo governo brasileiro, através do Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério das Relações Exteriores, entre março de 2007 a março de 2008 foi realizado o Ano Brasileiro-Britânico da Ciência & Inovação.

Resultado da iniciativa conjunta dos governos do Brasil e Reino Unido, e idealizado em 2006, durante visita oficial do presidente

Luiz Inácio Lula da Silva ao Reino Unido, o evento teve como objetivo promover a cooperação científica entre os dois países.

Com mais de oito acordos de cooperação e mais de 40 atividades organizadas, entre eventos e missões, o projeto iniciou uma série de possibilidades de cooperação entre o Brasil e o Reino Unido em diferentes áreas da ciência.

Durante o Ano, vários eventos – como o Seminário Internacional

sobre Descomissionamento de Plataformas Offshore, realizado em julho de 2007 – foram promovidos pelo governo britânico e pelo UK Brazil Centre of Ocean Engineering da Coppe/UFRJ, contando com a participação de palestrantes do Reino Unido, Petrobras, Coppe, British Petroleum (BP), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Universidade de Campinas (Unicamp), dentre outras.

Fornecedores de PRIMEIRA MÃO

Reais súditos britânicos atuam de A a Z na cadeia petrolífera de petróleo, destacando-se como fornecedores não apenas de equipamentos, mas, principalmente, de tecnologia e *expertise*, consolidadas em décadas de atuação no Mar do Norte.

Rolls-Royce

A tradicionalíssima Rolls-Royce iniciou suas atividades no Brasil há exatos 50 anos, quando estabeleceu uma oficina de reparo e manutenção de turbinas, unidade esta que tem continuamente aumentado sua atividade em São Bernardo do Campo, sobretudo nos últimos dez anos.

Neste período, a empresa britânica expandiu suas atividades nas áreas de energia e marítima. Até o fim deste ano, perto de 40% da energia necessária nas plataformas da Petrobras para produzir o petróleo brasileiro serão gerados com turbinas Rolls-Royce. Mais de 40 navios de apoio às plataformas (platform supply vessels) já foram fabricados no Brasil com tecnologia e equipamentos Rolls-Royce. A empresa tem atividades nestas áreas em Niterói e Macaé.

A empresa fatura entre US\$ 500 e US\$ 700 milhões para clientes da América do Sul, sendo que a grande parte deste volume



é para o Brasil. Para **Francisco Itzaina**, diretor regional para a América do Sul da Rolls-Royce, a companhia está comprometida



com o crescimento do Brasil. “Nossa nova unidade de reparo e manutenção de equipamentos marítimos em Niterói, a ser inaugurada em breve, é uma amostra desse comprometimento. Outros projetos de expansão estão sendo considerados, mas é muito cedo para comentar.”

MCS

O negócio da irlandesa MCS no Brasil ainda é pequeno, representando cerca de 5% do total mundial da MCS. Entretanto, a tendência é de crescimento. “Temos uma importância estratégica, dado o aumento da relevância do mercado brasileiro no cenário internacional e a tradição brasileira de promover desenvolvimentos tecnológicos de forma prática”, explica o diretor da MCS, **Otávio Sertã**.

O escritório da MCS no Brasil começou a operar em outubro de 2004, mas a MCS já havia for-

necido serviços para o mercado brasileiro (Petrobras e outros), que foram executados em outros escritórios da empresa.

O principal cliente da companhia é a Petrobras, com três contratos guarda-chuva, para fornecimento de serviços de engenharia nas áreas de *risers* (flexíveis, SCRs, híbridos etc.), dutos submarinos, umbilicais e equipamentos submarinos. A MCS tem também trabalhado para fornecedores de equipamentos (fabricantes de tubos flexíveis, umbilicais, equipamentos de perfuração etc.) e prestadores de serviços de instalação marítima, bem como para outras operadoras, afóra a Petrobras.

Além de serviços tradicionais de engenharia, que em geral envolvem estudos, projetos e análises, a empresa tem fornecido serviços de ‘gerência de integridade’, que frequentemente vão além desse escopo e abrangem também envolvimento na fase operacional dos empreendimentos. Outra linha de atuação da MCS é desenvolvimento e fornecimento de *softwares* de engenharia e promoção de proje-



tos de desenvolvimento de tecnologia, sempre na área de engenharia submarina.

"As perspectivas são muito boas. Desenvolvemos uma excelente reputação e estamos bem posicionados para enfrentar o desafio do pré-sal e o crescimento da demanda local. Além disso, hoje somos parte do Wood Group, o que significa maior suporte para alavancar nossa expansão."

Para o executivo, o Brasil tem muito a aprender com a tradição britânica de empreendedorismo, com a experiência acumulada pelas empresas e instituições daquele país nos desenvolvimentos *offshore* do Mar do Norte e com a seriedade com que os assuntos técnicos são abordados por eles.

"A experiência britânica em alguns aspectos inerentes ao gerenciamento de campos maduros pode ser útil para nós, por exemplo, para extensão da vida em serviço de ativos que possam eventualmente estar atingindo sua maturidade", avalia.

Por outro lado, para Sertá, além de um mercado em franca expansão que necessita de investimentos, o Reino Unido pode se beneficiar com o potencial humano muito grande a ser desenvolvido. Gente que tende a ser flexível e entusiasmada, disposta a aprender. "Isto sem esquecer também de nossa experiência no setor petrolífero, que já adquiriu reconhecimento internacional em águas profundas e agora os sucessos das descobertas do pré-sal coroa o esforço de anos de nossos geólogos e outros profissionais que lidam com tecnologia de ponta", conclui.

Wellstream

Empresa britânica com matriz em Newcastle, na Inglaterra, a Wellstream é especializada no projeto e fabricação de tubos flexíveis

para uso na produção de hidrocarbonetos em campos *offshore*.

Fundada em 1983, em 1998 a Wellstream passou a fazer parte do grupo Halliburton e, ao longo dos anos, foi cimentando uma posição de destaque no mercado mundial de tubos flexíveis, tornando-se a primeira empresa a qualificar seus produtos para 2.000 m de profundidade, através de um contrato de cooperação tecnológica com a Petrobras, para a qual forneceu o primeiro tubo em 2000, para o Campo de Marlim.

Em 2003 a companhia foi adquirida pelo fundo de investimentos Candover Investment Partners, tornando-se uma empresa de capital britânico. Três anos depois, em 2006, a empresa decidiu construir uma fábrica em Niterói (RJ), com o intuito de atender ao seu principal cliente, a Petrobras, e as operadoras internacionais que têm se instalado no país. A construção da nova fábrica teve início em maio de 2006 e suas instalações foram inauguradas oficialmente em julho de 2007.

Recentemente, a produção da fábrica foi ampliada, praticamente dobrando a capacidade, passando a produzir 270 km de dutos normalizados em oito polegadas a cada ano. A ampliação se deu após a capacidade plena de produção, prevista para ocorrer em meados de 2009, ter sido alcançada no ano passado, superando todas as expectativas. Para isso, além dos R\$ 130 milhões aplicados na construção, equipamento e treinamento de mão-de-obra da fábrica brasileira, a Wellstream empregou mais R\$ 70 milhões na ampliação, modernização e reequipamento daquela unidade.

Com capacidade para armazenar mais de cem bobinas, a fábrica possui três estações de carregamento, que podem ser utiliza-

das simultaneamente, e guindastes para movimentar até 300 toneladas de carga, sendo considerada uma das mais modernas do mundo, igualando-se à sua matriz em Newcastle.

"Apesar de ter sido projetada para servir ao mercado brasileiro nos primeiros anos, a proximidade com a Costa Oeste da África (Nigéria, Angola, etc.), possibilita o fornecimento de produtos também para estes mercados, vis-



to que a nova fábrica está em condições bastante favoráveis quando comparada às demais, localizadas na Europa", explica

o presidente da Wellstream no Brasil, **Luís Araújo**.

Segundo Araújo, as atividades da Wellstream no Brasil representam hoje quase 50% do volume de negócios do grupo. "Consequentemente, executamos mais de 50% de nossos investimentos em P&D no Brasil em colaboração com cinco universidades brasileiras de ponta como a Coppe, USP e Universidade do Rio Grande do Sul", conta. "Nosso grupo de tecnologia no Brasil está em constante comunicação com o nosso pessoal de Newcastle (UK) e perfeitamente integrado em nossos programas globais de P&D."

Na opinião de Araújo, as perspectivas para os próximos anos são as melhores, considerando as recentes descobertas no pré-sal brasileiro. "O sucesso de nossa operação brasileira torna o Brasil o maior candidato a futuros investimentos de nossa empresa, inclusive com vistas a atender ao promissor mercado do oeste da África, tornando as operações do Brasil um polo tecnológico e fabril para o Atlântico Sul."

Em agosto de 2008, a empresa celebrou um contrato de quatro anos com a Petrobras. O contrato abrange a aquisição de dutos flexíveis de 2,5 a 9,5 polegadas de diâmetro, entre os anos de 2009 e 2012. O valor deste contrato é superior a 600 milhões de libras, representando cerca de 700 km normalizados de dutos flexíveis ao longo dos quatro anos.

A Wellstream foi também a empresa selecionada para fornecer os dutos flexíveis para o Teste de Longa Duração (TLD) do Projeto Tupi na Bacia de Santos, que, de maneira inédita, foram instalados em uma lâmina d'água de 2.200 m de profundidade. "O nosso projeto demonstrou que existem inúmeros benefícios em uma cooperação entre os dois mercados e principalmente entre os dois povos e suas culturas. As barreiras culturais e linguísticas

são muito menores do que se pensa, ainda mais quando comparadas com as de outros países, que não têm a formação cultural europeia que o Brasil possui."

Aveva

Especializada no fornecimento de *software* de engenharia de TI para as indústrias naval, geração de eletricidade e instalações de processos em geral – sendo que 90% dos negócios concentrados na área de óleo e gás, o grupo britânico Aveva inaugurou no dia primeiro de julho seu escritório no Rio de Janeiro.

A inauguração contou com a presença do CEO da empresa, **Richard Longdon**, do diretor de operações do grupo, Derek Middlemas e do vice-Presidente para a América Latina, Santiago Pena, dentre outros executivos do

grupo. "A América Latina representa uma parte importante da receita da Aveva nas Américas. Todo ano nossas taxas de crescimento ultrapassam as expectativas, indicando um mercado forte, com usuários qualificados que estão desenvolvendo projetos de engenharia de primeira categoria", observou Richard Longdon. "O Brasil é certamente o país que representa o mercado mais forte". Entre os principais produtos da companhia está o PDMS,



software para detalhamento de projetos utilizado em todas as refinarias da Petrobras, como ferramenta padrão, além de programas para aplicação em projetos de FPSOs e petroleiros.

As missões do UKIT

TODOS OS ANOS, o UKTI organiza missões comerciais para aumentar a troca de conhecimento entre as empresas do Reino Unido e do Brasil. Essas missões acontecem dos dois lados: empresas britânicas conhecendo o Brasil e brasileiras visitando o Reino Unido.

Em 2008, por exemplo, o UKTI convidou técnicos da área de *subsea* da Petrobras para uma visita técnica focada neste segmento. A visita inclui reuniões nas cidades de Aberdeen e Newcastle. Houve também uma 'missão de biocombustível' do Reino Unido para o Brasil, que visitou o Rio de Janeiro e São Paulo; e depois, uma do Brasil para o Reino Unido, quando visitou Yorkshire e Humber.

Em maio, o UKTI levou seis especialistas da ANP para uma visita técnica focada na área de GNL. Os especialistas da Agência foram conhecer, principalmente, como são aspectos regulatórios do Reino Unido nesta

área. Em setembro, uma grande missão do Reino Unido veio ao Brasil para participar da Rio Oil and Gas. A delegação era composta de 25 empresas expositoras e outras dez participantes de uma missão comercial trazida pelo UKTI em parceria com o Scottish Development International (SDI).

Em outubro de 2008, aconteceu a R&D (Research and Development)/Higher Education Oil and Gas para o Reino Unido, e um grupo de profissionais da área visitou algumas universidades na Escócia e na Inglaterra (Oxford, Cambridge, Imperial College, Southampton, Herriot Watt, entre outras). Houve ainda uma missão R&D do Reino Unido para o Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo). O grupo britânico visitou diversas universidades, incluindo UFRJ, USP, Unicamp, e Unesp.

"Dois mil e nove será um ano de muitas missões para o UKTI no Brasil", afirma o gerente de Óleo e Gás da empresa, Renato Cordeiro. "Desde janeiro, já promovemos cinco iniciativas, com a visita técnica de empre-

sas brasileiras como Starfish, Petrogal/Brasil, Transpetro e Petrobras focadas nas atividades *subsea*, dutos, e desenvolvimento de plataformas *offshore*."

Além disso, oito empresas britânicas especializadas em equipamentos participaram, em março, de uma missão ao Brasil, quando conheceram a UN-BC e o Cenpes, e tiveram um encontro com a BG.

Até o fim do ano, serão mais três importantes eventos organizados pelo UKTI.

Em setembro, a empresa deve levar uma delegação de brasileiros para a Feira e Conferência Offshore Europe, em Aberdeen. No mesmo mês será realizada uma conferência sobre o Brasil em Londres.

"Vamos contar com uma delegação do Reino Unido para esta feira no Rio Pipeline. O UKTI terá um estande próprio", adianta Cordeiro. Ainda em setembro o Brasil receberá uma missão do Reino Unido, focada no setor de biocombustível.



Wood Group Posição forte no mercado

A Wood Group iniciou sua operação no Brasil, em 2002, por meio da aquisição de participação majoritária em empresa brasileira que atuava no segmento de construção e montagem *offshore*.

Empresa internacional de serviços, com atuação em 46 países, 28 mil empregados e faturamento anual de 5,2 bilhões de dólares, a aquisição do controle de uma empresa brasileira foi estratégica para a Wood Group consolidar seu posicionamento no mercado local junto a importantes clientes que já atuavam no país. Hoje, ela fornece para a indústria brasileira de petróleo e gás soluções de engenharia, comissionamento, *start-up*, operação e manutenção de plantas de produção e facilidades industriais.

"A grande experiência internacional da Wood Group em operação e manutenção de plantas de processos, FPSOs e facilidades industriais nos coloca em uma posição de destaque no mercado brasileiro", afirma **Alexandre Quadrado**, *country manager* do WoodGroup no Brasil.

De acordo com Alexandre, muitos dos clientes internacionais estão

operando ou iniciando operações no Brasil e acabam consultando a empresa em busca de apoio para suas operações locais. "Com a nossa experiência internacional e o conhecimento do mercado local, desenvolvido ao longo dos últimos anos, a Wood Group Brasil torna-se o parceiro ideal para fornecer soluções confiáveis com agilidade, qualidade e segurança para nossos clientes."

O executivo observa que apesar do bom nível de atividade da empresa no país, esta ainda é pequena quando comparada com o faturamento mundial do grupo. "Entretanto, em termos de estratégia, o posicionamento no Brasil é bastante importante para a Wood Group já que o país atualmente se destaca pelo grande potencial de crescimento e, em especial, no que diz respeito às atividades relacionadas com a indústria de óleo e gás", avalia.

Ganhos para todos

Sobre as perspectivas para os próximos anos, Quadrado explica que a Wood Group tem buscado concentrar sua linha de atuação nos serviços de

operação e manutenção de plantas de processo e facilidades industriais. Isto se aplica tanto na área *onshore* como *offshore*, oferecendo ainda os serviços de engenharia, comissionamento e apoio para início de operações *start-up* de plataformas de produção e perfuração.

"Com a chegada de novas plataformas e a entrada de mais empresas, brasileiras e estrangeiras, como operadoras no mercado de óleo e gás, a Wood Group Brasil encontra-se preparada para dar suporte local com experiência internacional para estes potenciais clientes no Brasil", assegura o executivo.

Sobre a relação entre Brasil e Reino Unido, Quadrado acredita que existem possibilidades de ganhos para ambas as partes. "O Brasil possui grandes empresas com alto nível de conhecimento tecnológico e experiência no mercado de óleo e gás e também possui empresas locais que ainda necessitam de apoio para implementar seus planos de crescimento de forma rápida para atender às demandas do mercado", destaca.

O *country manager* acrescenta que as empresas brasileiras conhecem bem as características operacionais e a legislação do mercado brasileiro. Por outro lado, as companhias do Reino Unido possuem grande experiência em operações em ambientes mais severos e passaram pela grande experiência de organizar o mercado de suprimentos local para atender às demandas da indústria de óleo e gás.

"Vemos hoje maior interesse por trazer investimentos para o Brasil por parte de algumas empresas do Reino Unido", observa. "Creio que para uma empresa brasileira, os pontos aqui assinalados são atrativos, já que poderiam facilitar o crescimento e um melhor posicionamento no mercado brasileiro. Em contrapartida, uma empresa do Reino Unido que venha a se instalar no Brasil poderia se beneficiar com a experiência operacional, com a mão-de-obra local e com o conhecimento da legislação que as empresas brasileiras possuem no próprio país."



Reino Unido tem a maior participação na Brasil Offshore

Mais de 20 companhias britânicas participaram da Brasil Offshore 2009, expondo produtos e serviços no Pavilhão Nacional UK. Ademais, sete empresas participam da Missão Comercial organizada pelo UK Trade & Investment (UKTI) e pela Scottish Development International (SDI), órgãos governamentais de incentivo ao comércio e investimento internacional.

A missão comercial foi integrada ainda por outras três empresas, totalizando 23 companhias do Reino Unido prontas para firmar parcerias no mercado brasileiro. “Esta é uma das maiores participações do Reino Unido na Brasil Offshore”, comenta o gerente de Petróleo e Energia da UTI, Renato Cordeiro. “As empresas britânicas têm vasta experiência em pesquisa e produção *offshore*, adquirida em décadas de atuação no Mar do Norte, onde há mais de 300 campos em operação”, explicou.

Dois eventos foram promovidos pelo UKTI para os participantes britânicos: no dia 15 de junho, antes da abertura da feira, foi realizada uma sessão de orientação e recepção às empresas e, na manhã do dia 16, um seminário com apresentações da Petrobras, Onip e Shell do Brasil.

Durante o evento, também se anunciou a criação de uma nova organização, para dar suporte às empresas inglesas do setor *offshore* a entrar no mercado brasileiro. Com a base em Aberdeen, na Escócia, e com um escritório recém inaugurado no Rio de Janeiro, a ‘Entrada’, como foi batizada a organização, tem por objetivo ajudar as companhias ingle-



Paul Yaghmourian e Clarisse Rocha, da EIC.

sas a identificar oportunidades de crescimento neste setor brasileiro, oferecendo *expertise* e tecnologia. O escritório no Rio de Janeiro já

está em pleno funcionamento desde junho, sob a coordenação de Chris Legrand.

“O atual ritmo de crescimento apresentado, tanto pela Petrobras quanto pelas companhias internacionais que atuam no país, promove excelentes oportunidades”, comentou o executivo da Entrada, Jim Cargill. “A organização está igualmente comprometida com as companhias brasileiras, através do intercâmbio permanente entre as empresas dos dois países.”

A nova empresa oferecerá, dentre outros serviços, pesquisas de mercados, identificação de parceiros comerciais, vistos, representação local, entre vários outros serviços.

Aberdeen

Capital do petróleo

Considerada a 'capital do petróleo' da Europa graças à abundante oferta de óleo e gás no Mar do Norte, principal centro comercial e porto marítimo, no nordeste da Escócia – que atende à indústria *offshore* do Mar do Norte –, Aberdeen possui a quinta mais antiga universidade do Reino Unido. A King's College foi fundada em 1495 por William Elphinstone (1431–1514), bispo de Aberdeen e chanceler da Escócia. É conhecida como a 'cidade do granito' por haver muitas edificações à base dessa matéria-prima.

O programa de bolsas Chevening do governo britânico

Para jovens profissionais promissores o programa Chevening é uma excelente oportunidade de estudar

em renomadas universidades britânicas. Anualmente, cerca de 40 profissionais brasileiros são contemplados com as bolsas Chevening para fazer cursos de curta duração ou mestrado. As bolsas são concedidas para um programa formal de estudos em tempo integral com três até 12 meses de duração, o que exclui estágio prático ou pesquisa. Os cursos devem estar diretamente relacionados à área de atuação do candidato e à sua carreira. As oportunidades são muitas para economistas, advogados, jornalistas e profissionais das áreas de políticas públicas, tecnologia aeroespacial, telecomunicações, desenho industrial, meio ambiente, mineração e transportes, dentre outros. Para participar do programa de bolsas Chevening o candidato deve ser brasileiro, residir e

trabalhar no Brasil, ter curso superior completo, ter pelo menos dois anos de experiência profissional após a graduação na área em que deseja aprofundar seus conhecimentos, além do domínio da língua inglesa; nota mínima de 6,5 no Ielts (International English Language Testing System), ter se destacado na sua área de atuação e desejar estabelecer vínculos com o Reino Unido. Mais informações, no site: <http://www.britishcouncil.org/br/brasil-education-chevening.htm>. ■



Campus da Universidade de Aberdeen.

Quem conhece
CONFIA!

- GRADES DE PISO
- GUARDA CORPOS
- ESCADAS
- LEITOS PARA CABOS
- ELETROCALHAS
- PROJETOS ESPECIAIS

Qualidade em
FIBRA DE VIDRO

Tel.: (11) 2489-5200 / www.enmac.com.br

 **ENMAC**[®]